



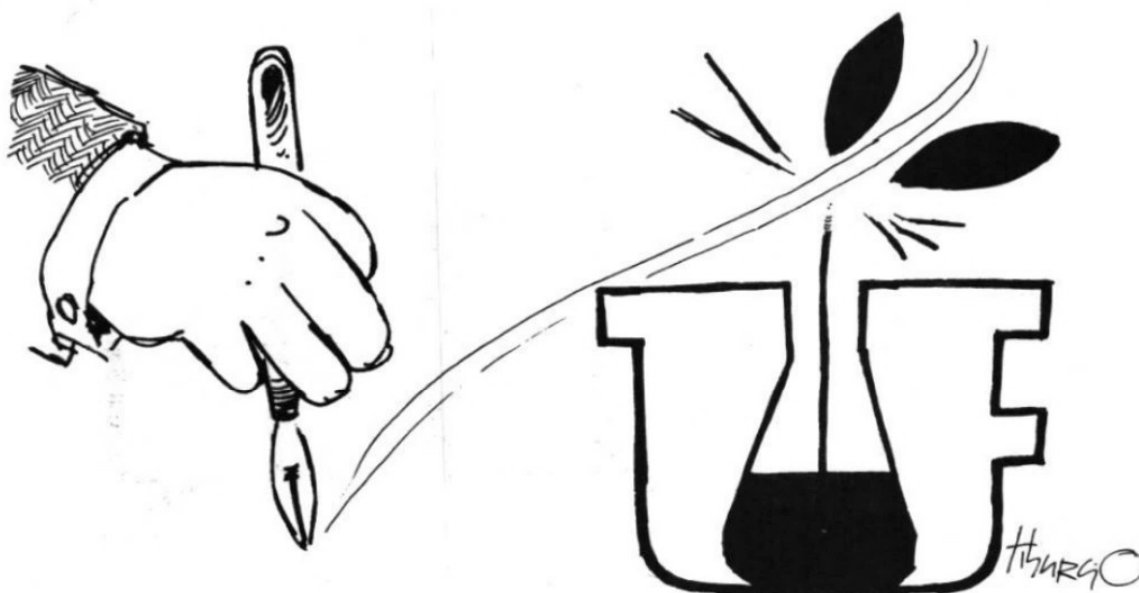
BOLETIM DA

aepet

ABRIL DE 1990

EXTRA

Ueki limitou ação da Ultrafértil para atender interesses privados



Em debate: a participação da Petrobrás no setor de fertilizantes

A AEPET publica neste BOLETIM EXTRA uma série de informações relativas à Petrofértil, com o propósito de estimular o debate sobre a importância da atuação da Petrobrás no setor de fertilizantes. Esta área, de vital importância para o incremento da produção agrícola, sempre foi pouco debatida entre os empregados da Petrobrás. A AEPET, por sua vez, encontrava muita dificuldade de ter acesso a informações sobre a Petrofértil. Agora, entretanto, acreditamos que o processo de discussão está aberto. Foi formado um Grupo de Trabalho na AEPET constituído por representantes da Associação dos Empregados da Petrofértil e por associados dispostos a dar sua contribuição apresentando idéias e sugestões.

As manobras de Ueki

Além de divulgar um documento fornecido pela Associação dos Empregados da Petrofértil esta edição

destaca uma matéria sobre as manobras feitas pelo ex-presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki, para retirar a Ultrafértil (subsidiária do Grupo Petrofértil) da ponta do setor de fertilizantes. Em outras palavras, para atender às reivindicações do setor privado — conforme comprovam os documentos aos quais a AEPET teve acesso — Ueki impediu a Ultrafértil de produzir e comercializar fertilizantes compostos (mistura NPK). Desta forma, a Ultrafértil sofreu uma sensível redução na sua margem de lucro, chegando a registrar prejuízo logo após ser viabilizada a proposta do ex-presidente da Petrobrás.

Na prática, a Ultrafértil deixou de atuar em um setor altamente rentável, limitando-se a comercializar produtos cujos preços sofriam o severo controle do CIP. O filet-mignon do mercado saiu da Ultrafértil e foi entregue à iniciativa privada por Ueki. Veja maiores detalhes sobre o assunto em matéria nesta edição.

Esperamos que este Boletim seja o primeiro passo para um amplo debate sobre o setor de fertilizantes.

PETROFÉRTIL

A origem da Petrofertil está diretamente ligada ao Programa Nacional de Fertilizantes e Calcário Agrícola — PNFA —, pelo qual, em 1974, foram estabelecidas metas para a produção de insumos básicos para a agricultura e definida a necessidade de implantação de três fábricas de amônia/uréia a partir das matérias-primas disponíveis no país como gás natural, gás residual de refinaria e resíduo pesado da destilação à vácuo (caso específico da unidade de Araucária).

Criada em 1976, a Petrofertil é uma holding que detém participação majoritária em cinco empresas produtoras de matérias-primas e fertilizantes nitrogenados e fosfatados. São elas: Ultrafertil, Nitrofertil, Fosfertil, ICC e Goiasfertil. A Petrofertil participa, ainda, minoritariamente em três empresas coligadas: Arafertil, Indag e CRN, esta última em processo de liquidação.

O patrimônio da Petrofertil é avaliado em NCz\$ 22.286.292 mil, a preços de dezembro de 1989, o que equivale a US\$ 1.992 milhão, incluindo as reservas de reavaliação do patrimônio líquido. O faturamento bruto do Grupo Petrofertil no ano passado alcançou NCz\$ 2,4 bilhões (US\$ 759 milhões).

A perspectiva para este ano é de que o mercado de fertilizantes se recupere, comercializando um volume acima de 9 milhões de toneladas. Assim, as vendas do Grupo Petrofertil, incluídas as realizadas para o setor químico, poderão atingir um crescimento médio de 5% e 20%, respectivamente, em termos de nitrogênio e fósforo. Os investimentos de 1990 deverão atingir a cifra de US\$ 50 milhões. Veja tabelas 1 e 2.

Objetivos da Petrofertil

De acordo com o artigo 30 dos Estatutos da Petrofertil, "a Companhia tem por objeto, observados os preceitos legais, a produção e o comércio de fertilizantes, de suas matérias-primas e produtos correlatos, sua importação e exportação, bem como a prestação de serviços técnicos e administrativos relacionados a tais atividades, bem como a representação comercial autônoma".

A Petrofertil, dentro de seus objetivos, tem privilegiado a difusão e o incremento do con-

sumo de fertilizantes, a nível nacional, através de convênios com os Estados, representados por suas secretarias de Agricultura, bem como de órgãos de pesquisa e extensão agrícola. Tais convênios são orientados para a incorporação de pequenos e médios proprietários ao sistema produtivo, propiciando a utilização de fertilizantes mais adequados às culturas e às condições edafo-climáticas das regiões de produção, a um custo reduzido.

Para alcançar esse objetivo, além de definir os conhecimentos básicos sobre a adubação e produtividade agrícola, a Petrofertil tem

incentivado a organização dos pequenos e médios produtores, de forma que eles mesmos, utilizando misturadoras de pequeno porte, produzam os fertilizantes para consumo próprio, a um menor custo.

O objetivo de difundir o uso de fertilizantes está intimamente relacionado com a necessidade de aumentar a produtividade agrícola, diminuindo o custo dos alimentos, promovendo a distribuição de renda e contribuindo para a elevação do padrão de vida dos produtores e homens do campo, pela criação de empregos produtivos na agricultura. Veja tabela 3

TABELA 1
GRUPO PETROFÉRTIL
Participação no Consumo

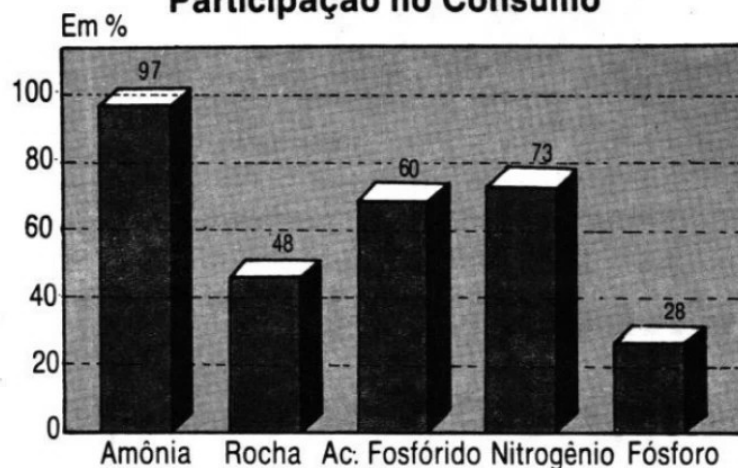


TABELA 2
INVESTIMENTOS

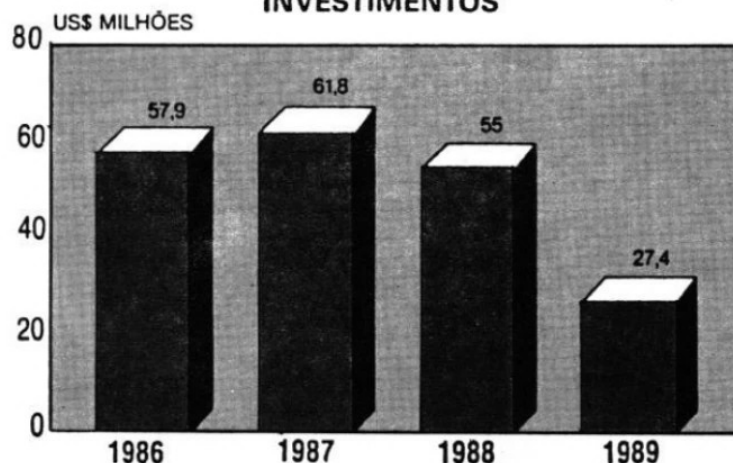


TABELA 3

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO GRUPO PETROFÉRTIL

× 1000 (t)

Produto/Ano	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989
Amônia	161	175	247	322	434	457	612	898	1063	1149	1073	1157	1138	1191
Uréia	85	78	113	150	273	292	418	710	929	1044	996	1095	1031	1148
Nitrato de Amônia Perolado	144	218	227	214	220	197	180	171	189	194	214	216	219	246
Nitrocálcio	100	110	115	88	102	108	84	102	149	160	159	148	129	168
Rocha Fosfática (P205)	-	-	25	38	49	420	429	532	642	639	703	825	783	604
Ácido Sulfúrico	232	225	278	378	767	1012	1054	1192	1374	1467	1573	1569	1533	1457
Ácido Fosfórico	56	50	41	53	175	304	343	404	491	524	503	495	537	487
TSP Granulado	-	-	-	-	30	148	102	133	227	213	209	248	255	184
MAP Granulado	-	-	-	-	81	163	110	173	235	214	286	353	311	259
DAP	219	261	261	274	299	195	186	190	172	119	174	191	177	147
Ácido Nítrico	292	258	284	266	292	278	261	255	316	329	346	366	346	389
SSP Granulado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	-	-	1	16
Fosfato Natural Parcialmente Acidulado "FOSNAP"	-	-	-	-	-	-	4	29	66	91	99	99	12	0

Razões da entrada e permanência da Petrobrás/Petrofertil no setor de fertilizantes

A criação da Petrofertil, como grande empresa de fertilizantes, obedeceu ao princípio de lógica setorial de enfeixar, sob comando único, as atividades de produção de fertilizantes do Sistema Petrobrás.

1 — Inexistência de interessados no setor privado e o imperativo de utilização do gás natural e gás residual de refinaria sobrando da

Petrobrás, bem como de substituição de importações — casos da FAFER e COPEB — implicando em significativa economia de divisas.

2 — Falta de propostas idôneas do setor privado para aquisição da Ultrafertil em 1974, dentro de um programa de privatização que chegou até à licitação pública.

3 — Novamente desinteresse do setor privado no caso da aquisição da ICC, proposta em licitação pública, à qual não compareceu nenhum empresário.

4 — Falta de atratividade para o setor privado, tendo em vista que os parques produ-

vos das empresas de fertilizantes implicam elevados investimentos e taxas de retorno modestas, quando comparadas com outros segmentos da economia.

Com efeito, por duas vezes a iniciativa privada foi convocada publicamente a participar de licitações para aquisição e controle de empresas pertencentes ao Grupo Petrofertil e não compareceu; mesmo quando convidada a participar da ampliação da capacidade produtiva, em associação com a Petrofertil, nos projetos Anitápolis e na ampliação da Fosfertil, não obstante o interesse inicial, suas intenções não se concretizaram na prática.

Subsidiárias da Petrofertil

Ultrafertil — A Ultrafertil era uma empresa industrial e comercial criada pela Philips Petroleum em associação com o Grupo Ultra e depois adquirida pela Petroquisa em 1974, dada a perda de interesse da iniciativa privada pelo empreendimento e tendo em vista o interesse maior da economia do país, que exigia a manutenção de seu parque industrial operando.

A Ultrafertil compreendia, basicamente, o complexo industrial de Piaçaguera e uma grande rede de mistura e distribuição desativada em 1982, por decisão superior. Logo após sua aquisição pela Petroquisa, a Ultrafertil passou a administrar a FAFER (hoje complexo industrial de Cubatão), constituído de uma fábrica de amônia, ácido nítrico, nitrato de amônia e nitrocálcio, instalada próximo à refinaria de Cubatão, para dar utilização ao gás residual sobrando daquela refinaria. Posteriormente foi-lhe acrescentado o complexo industrial de Araucária, unidade implantada já pela Petrofertil, em cumprimento às metas previstas no PNFC.

O patrimônio líquido da Ultrafertil em

31/12/89 era de NCz\$ 9.307,114 mil, correspondente a US\$ 819,4 milhões, incluindo as reservas de reavaliação.

Nitrofertil — Em 1972, estudos de mercado indicavam a necessidade de uma nova planta de nitrogenados, projeto para o qual o BNDES oferecia, inclusive, condições favoráveis de financiamento.

Dado o desinteresse do empresariado privado, esta planta — o COPEB-1 — foi desenvolvida pela Petrobrás, aproveitando a disponibilidade de gás natural na Bahia e implantada em Camaçari, dando partida ao Pólo Petroquímico, com a produção de amônia e uréia. Mais tarde, a Nitrofertil foi incorporada pela Petrofertil, que além de expandir a capacidade da unidade de Camaçari transferiu-lhe uma nova unidade — o projeto Laranjeiras — também desenvolvido em cumprimento às metas previstas pelo PNFC.

O patrimônio líquido da Nitrofertil, em 31/12/89 era de NCz\$ 6.328.469 mil, correspondente a US\$ 557 milhões, inclusive as reservas de reavaliação.

ICC — Indústria Carboquímica Catarinense, antes pertencente à União Federal, vinculada ao ministério das Minas e Energia, foi adquirida em licitação pública, à qual não compareceu nenhum empresário interessado. A Petrofertil foi designada a assumir o controle e o encargo de completar e administrar aquele complexo industrial.

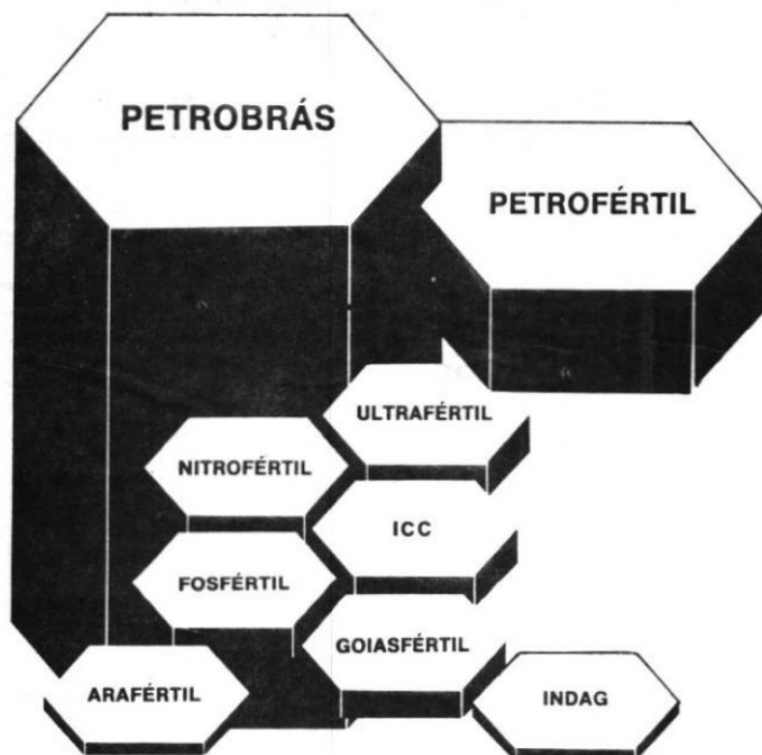
O patrimônio líquido da ICC em 31/12/89 era de NCz\$ 1.503.998 mil, correspondente a US\$ 132,4 milhões, incluindo as reservas de reavaliação.

Fosfertil — Compreende o complexo industrial de Uberaba, o de Mineração de Tapira e a unidade de Patos de Minas. Os complexos de Uberaba e de Tapira eram empresas inicialmente distintas, respectivamente Valefertil e Valep, pertencentes à Companhia Vale do Rio Doce, depois fundidas e incorporadas à Fosfertil, que originalmente era constituída apenas pela unidade de Patos de Minas.

O patrimônio líquido da Fosfertil em 31/12/89 era de NCz\$ 5.499.409 mil, correspondente a US\$ 484 milhões, incluindo as reservas de reavaliação.

Goiásfertil — Constituída originalmente pela associação da Metago (Sociedade de Economia Mista do Estado de Goiás) com o BNDES e a Petrofertil, esta subsidiária é formada pelo complexo de mineração de Catalão.

O patrimônio líquido da Goiásfertil é de NCz\$ 1.152.308 mil, correspondente a US\$ 101,4 milhões, inclusive as reservas de reavaliação.



Empregados do Sistema Petrofertil

Petrofertil (Holding)	396
Ultrafertil	2.527
Nitrofertil	1.565
ICC	585
Goiásfertil	972
Fosfertil	2.426
Total	8.471

Atualmente o Grupo Petrofertil dispõe de 8.322 empregados

Números de dezembro de 1989

Estrutura do setor de fertilizantes no Brasil

Os fertilizantes, segundo o seu macronutriente principal, podem ser classificados em nitrogenados (N), fosfatados (P) e potássicos (K). A indústria de fertilizantes pode ser segmentada, de acordo com os estágios do processo produtivo, nas seguintes etapas:

- a) matérias-primas
- b) produtos intermediários
- c) fertilizantes básicos
- d) fertilizantes compostos (misturas NPK)

A estrutura da indústria de fertilizantes é bastante variada, pois há empresas que atuam em todos os estágios do processo produtivo e outras que participam de parte dele. De forma a melhor caracterizar essa estrutura, é necessário estabelecer uma hierarquização das indústrias:

Nível 1 — empresas integradas, que estão presentes em todas as etapas de produção

Nível 2 — empresas que só não participam da fase que atinge o consumidor final (fertilizantes compostos ou misturas NPK)

Nível 3 — empresas ditas semi-integradas, que produzem os fertilizantes básicos e compostos

Nível 4 — pequenas empresas que só atuam na produção dos fertilizantes compostos

A produção de fertilizantes compostos (misturas NPK) está bastante diversificada em grande número de empresas. Tanto participam as grandes — integradas em semi-integradas — quanto as pequenas, constituindo um mercado concorrencial. Isso é possível porque os investimentos e a estrutura de custos são bastante baixos.

O interesse das empresas em participar do segmento "fertilizantes compostos" está relacionado com o fato de que os preços dos produtos dessa fase do processo produtivo nunca foram controlados pelo Governo, apresentando, portanto, margens de lucro bastante elevadas.

O quadro abaixo dá uma idéia da hierarquização da indústria brasileira de fertilizantes.

O mercado de fertilizantes

O mercado é função direta da área plantada, da taxa de aplicação de nutrientes (kg/ha) e da política agrícola. Compensando o baixo consumo de fertilizantes na agricultura brasileira, a expansão da área plantada é o que tem permitido o crescimento da produção agrícola. No período de 11 anos, o crescimento foi de 17,31%, sendo que na safra de 77/78 a área plantada foi de 48.500 mil hectares e em 1988/89 de 56.900 mil hectares.

A tendência é, todavia, uma expansão da área plantada no Centro-Oeste e no Nordeste, onde, com baixo investimento, poderão ser incorporados à produção algo em torno de 20 milhões de hectares.

Com relação à taxa de aplicação de nutrientes, o Brasil se situa muito abaixo dos países desenvolvidos:

	NPK (kg/ha)
Brasil	38
USA	87
França	300
Média Européia	225

Projeta-se um aumento para os próximos anos de 35 kg/ha para 45 kg/ha, em função da exaustão dos solos e da evolução dos tratos culturais. Este acréscimo de 18,42% no consumo de NPK/ha corresponderá a um aumento no consumo de fertilizantes da ordem de 2 milhões de toneladas por ano.

O crescimento da demanda de fertilizantes e suas matérias-primas, que já vem se verificando desde 1986, sem o correspondente aumento da oferta interna, levou o País a retornar à condição de um dos maiores importadores mundiais desses produtos.

Esta situação tende a se agravar. Na hipótese de não ser instalado, em futuro próximo, nenhum novo projeto para a produção de fertilizantes, a tendência para 1995 é de importações

anuais de cerca de US\$ 1 bilhão. A situação será ainda mais crítica se for registrado um maior crescimento agrícola, ocasionado pelo aumento da produtividade nas áreas atualmente em cultivo ou pela incorporação de 4,5 milhões de hectares, atualmente improdutivos, demandando maiores quantidades de fertilizantes.

Outro fator que influencia diretamente o mercado é a política agrícola que até agora no Brasil não tem sido definida em favor do pequeno e médio produtor, ao contrário do que ocorre em países desenvolvidos.

As ações do governo caracterizam-se por incentivar culturas de exportação (soja, café, cítricos, açúcar etc) e garantia de preços mínimos às culturas destinadas ao consumo interno.

A Petrobrás/Petrofértil deverá deter ainda por algum tempo o controle da produção de matérias-primas e fertilizantes básicos

Pelas seguintes razões:

A) Porque o País necessita ainda de um instrumento de política governamental para difundir o uso de fertilizantes como forma de reduzir os custos de produção dos gêneros alimentícios e de outros produtos agrícolas, tais como: ração animal, óleos vegetais industriais, fibras para o setor têxtil e fibras para o setor de papel e celulose etc;

B) Porque a perda de controle pela Petrobrás ou a privatização, mediante a simples venda das empresas ao setor privado, significa o desmantelamento de uma estrutura não cartelizada que assegura o abastecimento do mercado com matérias-primas e fertilizantes básicos de qualidade garantida, possibilitando um tratamento

INDÚSTRIA DE FERTILIZANTES NO BRASIL

Nível	Empresa	Origem do Capital	Partic. Estrang. no Capital (%)
1	Quimbrasil*	Brasil*	—
	Copebrás	Estados Unidos	Anglo American Corp. (100)
2	Petrofértil Arafértil	Brasil (Estatal)	—
		Brasil (33% Part. da PF)	—
3	Trevo	Brasil	—
	Fertisul	Brasil	—
	Copas	Brasil	—
	Manah	Brasil	—
	Solorrico	Brasil	—
4	Micro e Peq. Empresários (Aprox. 300)	—	—

(*) Associação com Moinho Santista (Grupo BUNGE E BURN)
FONTE: BNDES

igualitário aos cerca de 300 micro e pequenos empresários misturadores que operam mais próximos ao pequeno e médio agrícola;

C) Porque a presença preponderante do Estado no setor é ainda necessária para evitar a criação de oligopólios e a formação de cartéis, cuja consequência presumível é a destruição, pela supressão da livre concorrência, desses micro e pequenos empresários misturadores, que abastecem a nível regional os produtores dedicados às culturas de subsistência.

Para se ter uma idéia da concentração do setor de fertilizantes, vale lembrar que o Grupo Petrofertil tem aproximadamente 800 empresas clientes. A participação nas vendas das dez maiores é de 37% do total; das 20 maiores, 60% compram da Petrofertil. A participação nas vendas das 50 maiores empresas clientes é de 81%, enquanto das 100 maiores é de 92%. As 700 empresas restantes participam com 8% das vendas, incluindo as de fertilizantes, de produtos químicos e de pecuários.

A concentração das vendas, em termos regionais, não é menos expressiva: 39,5% dos clientes estão em São Paulo e 59% se localizam em São Paulo, Minas e Paraná.

A Petrofertil na busca de melhorar sua rentabilidade e alterar as relações anteriormente apontadas, está desenvolvendo uma estratégia para ampliar o seu mercado e atingir novas fronteiras agrícolas — Nordeste e Centro-Oeste, prioritariamente, através de uma rede de serviços autorizados (rede de "dealers"). A Petrofertil levará ao produtor fertilizantes simples e compostos, com garantia de qualidade, assegurando, ainda, assistência técnica permanente aos distribuidores e consumidores de seus produtos.

D) De modo geral falta ao setor privado a necessária visão de longo prazo e preocupação com o desenvolvimento tecnológico do setor de fertilizantes:

E) A indústria de fertilizantes nitrogenados (90% da Petrofertil) é "capital-intensiva" em alto grau, o que faz com que a ineficiência do setor nacional de produção de bens de capital constitua uma dificuldade a mais. As diferenças de custo entre equipamentos e materiais

importados e seus similares nacionais é muito grande (de três para um), agravando de forma significativa os investimentos e reduzindo o poder de competição das indústrias nacionais em face das similares estrangeiras.



CAPACIDADE DE PRODUÇÃO E INÍCIO DE OPERAÇÃO

Produto	Complexo Industrial	Empresa	Capacidade de Produção (t/d)		Início de Operação
			Original	Atual	
Amônia	Piaçaguera/SP	Ultrafertil	454	454	1970
	Cubatão/SP	Ultrafertil	91	110 (1)	1958
	Camaçari/BA/A-I	Nitrofertil	200	215 (2)	1972
	Camaçari/BA/A-II	Nitrofertil	907	1.043	1978
	Laranjeiras/SE	Nitrofertil	907	950	1982
	Araucária/PR	Ultrafertil	1.200	1.200	1981
Total do Grupo	—	—	3.759	3.972	—
Rocha Fosfática (24/36% P205)	Patos de Minas/MG	Fosfertil	690	690 (3)	1978
	Tapira/MG	Fosfertil	3.000	3.600	1981
	Catalão/GO	Goiasfertil	2.000	3.000	1982/83
Total do Grupo	—	—	5.690	7.290	—
Ácido Sulfúrico	Piaçaguera/SP	Ultrafertil	694	1.000	1970
	Imbituba/SC	ICC	900	900	1978/79
	Uberaba/MG	Fosfertil	2.600	3.000	1980
Total do Grupo	—	—	4.194	4.900	—
Ácido Fosfórico (100% P205)	Piaçaguera/SP	Ultrafertil	242	242	1970
	Imbituba/SC	ICC	360	360	1980
	Uberaba/MG	Fosfertil	940	1.300	1981
Total do Grupo	—	—	1.542	1.902	—

(1) Desativada.

(2) Transformada em fábrica de gases

(3) Produção praticamente suspensa.

CONTINUAÇÃO

CAPACIDADE DE PRODUÇÃO E INÍCIO DE OPERAÇÃO					
Produto	Complexo Industrial	Empresa	Capacidade de Produção (t/d)		Início de Operação
			Original	Atual	
Ácido Nítrico (54/63%)	Cubatão/Piaçaguera/SP Camaçari/BA	Ultrafertil Nitrofertil	1.187 100	1.187 100	1958/74/70/89 (4) 1980
Total do Grupo	—	—	1.287	1.287	
Uréia	Camaçari/BA/U-I	Nitrofertil	250	270	1972
	Camaçari/BA/U-II	Nitrofertil	800	800	1978
	Laranjeiras/SE	Nitrofertil	1.100	1.200	1982
	Araucária/PR	Ultrafertil	1.500	1.500	1981
Total do Grupo	—	—	3.650	3.690	
Nitrato de Amônio	Piaçaguera/SP	Ultrafertil	626	1.200	1970
Nitrocálcio	Cubatão/SP	Ultrafertil	600	1.958	
TSP (Gran.)	Uberaba/MG	Fosfertil	1.080	1.145	1981
DAP	Piaçaguera/MG	Ultrafertil	588	1.000 (5)	1970
MÁP (Gran.)	Uberaba/MG	Fosfertil	1.000	1.500	1981
Fosfato Natural Parcialmente Acidulado	Patos de Minas/MG	Fosfertil	470	470 (6)	1978

(4) Ácido Nítrico 54% e 63% de Cubatão iniciaram a operação, respectivamente, em 1958 e 1974.

(5) Até 1000 t/d dependendo da disponibilidade de ácido fosfórico.

(6) Produção suspensa.

Cenário agropecuário e setor de fertilizantes no Brasil

A economia agrícola brasileira possui dois núcleos fundamentais: um dinâmico que incorpora tecnologias avançadas, ganhos de produtividade sistemáticos e articula a produção agroindustrial com o desenvolvimento urbano. Outro estagnado, que utiliza tecnologia tradicional e produz à base de unidades familiares independentes ou articuladas com a propriedade latifundiária.

Os desafios que a agricultura brasileira vai enfrentar na década de 90 serão o aumento da produtividade agrícola, por unidade de área, e a geração de empregos no setor rural, estancando a evasão de mão-de-obra do setor primário para o setor urbano, que não está aparelhado a incorporar esta mão-de-obra no processo produtivo.

As disparidades regionais são particularmente expressivas na região Nordeste, onde se dá a concentração de seis milhões de trabalhadores no setor rural, contrastando com a inexpressiva evolução do produto agrícola regional.

Em 1970, o Nordeste respondia por 21% do PIB agropecuário brasileiro e abrigava 43% da mão-de-obra rural do País. Em 1980 a primeira taxa recuou para 19,4%, enquanto a segunda avançou para 44%. Uma relação perversa, portanto, que evidencia uma redução adicional da produtividade, com um avanço da pobreza no campo. Os dados atualmente disponíveis sinalizam um agravamento desta tendência.

A estagnação das regiões Sul e Sudeste é outro ponto que merece atenção. Em 1990 essas regiões respondiam por 67,5% do PIB agropecuário, ocupando pouco mais de 46% da mão-de-obra rural do País. As evidências recentes são de que o pessoal ocupado, continua girando em torno de 40% do total e a participação no produto global, entretanto, caiu abaixo dos 60%, num claro indicio de perda de dinamismo do setor.

Há uma tendência de enxergar a agricultura brasileira pelos resultados obtidos no Brasil Central (Centro-Oeste). A expansão acelerada desta região é evidente. Em pouco mais de uma década, a participação no PIB agropecuário saltou de 7,5% em 1970 para aproximadamente 20% atualmente.



Cabe ressaltar que esses dados evidenciam a utilização de um padrão tecnológico elevado, mérito este que deve ser creditado na maior parte à ação das empresas estatais, dentre as quais se destacam a Embrapa e a Petrofertil.

O fertilizante é sem dúvida alguma para a agricultura uma peça importante, que aliada a outros fatores pode reverter o atual cenário.

Vários organismos internacionais, entre os quais a FAO, e nacionais com destaque para a Embrapa, consideram que o fertilizante é responsável por 50% dos incrementos de produtividade obtidos com o uso de tecnologia moderna e que uma tonelada de fertilizante é capaz de produzir 10 toneladas de grãos. *Veja tabela 4*

Transferência de recursos para o setor privado

A rentabilidade do Grupo Petrofertil é relativa-

mente baixa porque o setor de fertilizantes é afetado mundialmente pela sazonalidade da atividade agrícola. No Brasil, as empresas do Grupo Petrofertil, em especial, arcam com um pesado custo: trabalham com elevado fator de utilização no primeiro semestre para apenas vender no segundo, carregando altos custos de armazenagem e transporte de produtos e, ainda, os custos financeiros e do capital de giro para sua manutenção no período de baixa sazonalidade.

Cumpram também destacar a queda dos preços dos produtos fertilizantes ao longo do tempo, queda que também se verificou nos preços internacionais de alguns produtos, o que denota a baixa rentabilidade do setor em termos mundiais.

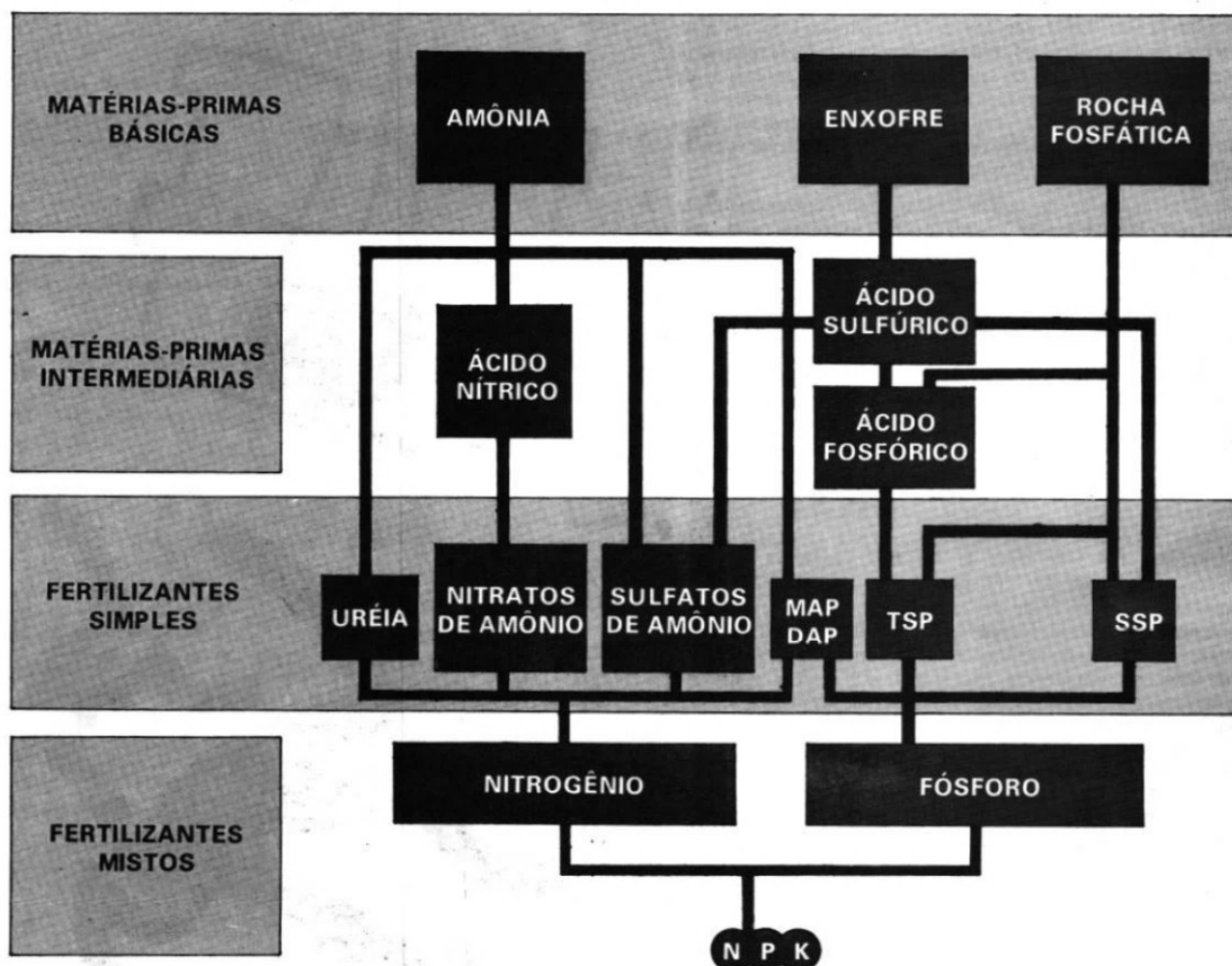
No caso da Petrofertil, o problema foi agravado durante os dez últimos anos pela política de

preços públicos do Governo, submetida ao controle do CIP. A degradação de preços resultou em transferência real de recursos para as grandes empresas do setor privado de fertilizantes, sendo esta uma das causas da perda de patrimônio das empresas do Grupo Petrofertil. Os preços do setor de mistura (ponta) não passavam pelo controle do CIP.

A rentabilidade da Petrofertil deve passar por um detalhado estudo sobre os preços dos fertilizantes e sobre a expansão da empresa, que deve estender sua atuação até o produtor como ocorria antes de 1983, quando a Ultrafertil deixou de produzir e comercializar fertilizantes compostos. (veja matéria na pág. seguinte).

TABELA 4

Fluxograma dos Fertilizantes Minerais



Ueki retira Petrofértil da ponta para atender interesses privados

Um forte lobby articulado pelo empresariado privado do setor de fertilizantes entre 1981 e 1982 mobilizou o então presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki, no sentido de propor à Comissão Especial de Desestatização do Governo João Figueiredo a imediata privatização da Ultrafértil sem que o assunto fosse amplamente debatido pelo Conselho de Administração da Companhia, conforme convinha a uma proposta de tamanha importância.

Esta é a conclusão a que se chega após a análise de uma série de correspondências trocadas entre a presidência da Petrobrás e a Comissão Especial de Desestatização (CED) entre o final de 1981 e meados do ano seguinte. No dia 24 de maio de 1982 um ofício assinado por Ueki e endereçado ao presidente da Comissão Especial de Desestatização, Paulo Roberto de Oliveira Niccoli, sustenta que a retirada da Ultrafértil do setor de produção e venda de fertilizantes compostos (mistura NPK) proporcionaria ao setor privado "a satisfação imediata de sua principal reivindicação, qual seja a eliminação da empresa estatal na venda direta ao agricultor, além de criar oportunidade para que os empresários possam comprar matéria-prima de origem nacional."

Mas isto não é tudo. Ainda por iniciativa do ex-presidente da Petrobrás (que também acumulava o cargo de presidente do Conselho da Petrofértil), enquanto a CED analisava a possibilidade de privatizar a Ultrafértil a direção da empresa já reduzia sua área de atividades, determinando aos seus dirigentes "que a partir de 31 de maio de 1982 parassem as vendas diretas aos agricultores, limitando a ação nessa área à entrega de produtos já vendidos. Dessa data em diante, o atendimento desses consumidores ficará sob a responsabilidade do setor privado", dizia o ofício.

Esta orientação desagradou ao CED que, em correspondência dirigida a Ueki ainda em 14 de abril de 1982, solicitava "a sustação de quaisquer medidas, como a pretendida, que impliquem em alterações relevantes na estrutura administrativa, comercial ou patrimonial da empresa" (...). Em resposta à advertência da CED, Ueki informou, que "essas medidas foram tomadas em consonância com os interesses do empresariado privado do setor de fertilizantes, que, na verdade, desejavam o afastamento da ação da empresa estatal da área de venda direta ao agricultor e, aparentemente, não têm qualquer restrição ao fato de serem abastecidos de matérias-primas básicas por empresa estatal".

Outra proposta formulada por Ueki e que não encontrou respaldo na Comissão Especial de Desestatização foi a realização de modificações no Edital de Pré-Qualificação relativo à privatização da Ultrafértil. Em 29 de março de 1982 Ueki sustentava, em ofício dirigido ao presidente da CED, que o Edital, já publicado, tendo como prazo a data de 23 de abril corrente, deveria ser reformulado "para permitir, inclusive, a venda, em separado, das instalações da empresa que dão apoio logístico às vendas diretas, representadas pelas unidades misturadoras". Nesse sentido Ueki chegou a sugerir um novo modelo de Edital permitindo a venda das instalações "que poderão interessar ao setor privado, como pontos de apoio para ocupar os espaços que a Ultrafértil está liberando".

Três dias após esta proposição, Ueki recebeu outro ofício da CED no qual seu presidente, Paulo Niccoli, informava que em reunião dos ministros Delfim Netto, Hélio Beltrão e Ernane Galveas e, ainda, do secretário-geral da Secretaria do Planejamento, Flávio Pécora e da Fazenda, Carlos Viacava, ficou decidido que o Edital não seria reformulado até que fosse extinto seu prazo de vigência.

Toda a documentação da época referente à tentativa de privatização da Ultrafértil, à qual a AEPET teve acesso, revela que em nenhum momento o então presidente da Petrobrás consultou o Conselho de Administração da Companhia antes de formalizar suas propostas ao Governo federal. Além disso, em seus ofícios não são citados quaisquer pareceres formulados pelos diretores da Petrofértil sobre o assunto.

